1ª PARTE

Estudos

UM PENSADOR DE LINGUAGEM

(In memoriam de Eugênio Coseriu)

Florival Seraine

De Eugênio Coseriu pode dizer-se que não é apenas cientista, mas um pensador da linguagem.

Em sua inteligência os planos dos conhecimentos filósofico e científico se buscam necessariamente, e se ajustam, de modo frutuoso, na órbita da interpretação.

Para ele — como quer Cassirer — as duas esferas do saber, ao invés de se chocarem, no domínio das ciências da cultura, se completam mutuamente e, correlacionadas, firmam as bases essenciais e originárias para todo o conhecimento.

Buscando sempre métodos filosóficos para nortear as suas disquisições especializadas, maneja os dados teoréticos, no sentido da explicação lingüística, com vistas às esferas lógica e gnoselógica.

Entretanto, a força da sua produção mental não decorre apenas das pressuposições conceituais em que se apóia para examinar os fatos lingüísticos.

O valor dos seus trabalhos, a nosso juízo, precede dos apurados instrumentos críticos de que dispõe, da agudeza do seu raciocínio e da correção lógica com que enfrenta árduos problemas e acaba por atravessá-los com luz nova e peculiar.

Através de suas principais obras pode acompanhar-se a evolução progressiva do seu espírito no campo das idéias lingüísticas.

As perspectivas essenciais ampliam-se à medida que lhe seguimos a marcha do pensamento, de uma produção sua para outra que tenha surgido, posteriormente.

Tratemos primeiro de *Sistema, Norma y Habla* — obra de alto nível na seara do pensamento lingüístico e cuja importância até mesmo um autor de orientação bastante diversa, como Marcel Cohen, não deixa de reconhecer, apontando-a como estudo histórico e sistemático necessário ao cônhecimento das idéias lingüísticas pós-saussüreanas. Mas não revela apenas isto a obra do professor Coseriu. Em verdade, repassa ali, inicialmente, as várias modalidades de interpretar a linguagem que se destacaram do pensamento do sábio genebrino, para em seguida modificá-lo, ampliá-lo ou corrigi-lo em alguns dos seus aspectos, que foram julgados incorretos ou insuficientes, em razão de não lograrem abarcar a realidade total do problema. Observa que nas próprias concepções saussüreanas

já se advinham os germes do desenvolvimento que a interpretação lingüística adquiriu posteriormente, ampliando o imperfeito campo conceitual da sua *parole-langue*.

Ressalte-se, porém, no autor, a equilibrada atitude mental, a sua posição verdadeiramente crítica, mesmo em face de escolas ou doutrinas de fama e prestígio no momento atual, como as que procedem dos círculos de Copenhague e Praga. Embora sem deixar de reconhecer o significado científico da escola estruturalista, faz-lhe crítica cerrada nos seus enunciados distoantes da realidade lingüística, deixando então patentes os lineamentos epistemológicos das suas concepções teóricas.

Ao comentarmos esta obra, fizemos notar a influência do "método aristotélico" sobre o desenvolvimento ideológico do autor, observação por ele confirmada posteriormente.

Com efeito, para Coseriu a "Lingüística" mais do que as outras ciências, pela natureza mesma do seu objetivo, deve mover-se constantemente entre os dois pólos do concreto e do abstrato: subir da comprovação empírica dos fenômenos concretos à abstração de formas ideais e sistemáticas e voltar em seguida aos fenômenos concretos, enriquecida pelos conhecimentos gerais adquiridos na operação abstrativa. E acentua: "O importante é que não se conforme com a abstração e não se fique nela, porque a íntima compreensão da realidade da linguagem só se poderá alcançar nesse terceiro momento da volta ao concreto".

Estabelece, pois, entre o abstrato e o concreto uma relação dinâmica, genética, que julgamos frutuosa, no sentido da clarificação de problemas fundamentais, e de um contínuo enriquecimento do próprio âmbito científico no domínio cultural.

Dentro dessa orientação, que já impôs pelo seu ajustamento ao processo da investigação científica na esfera das ciências humanas, Eugênio Coseriu estabelece a sua conceituação, partindo da própria oposição fundamental existente na dicotomia saussüreana. Conserva a expressão *parole* (fala), mas não com os acentos de Saussüre, para quem ela se identifica com a atividade lingüística concreta ou, pelo menos, com grande parte dela. E, em cujo processo, entre outras notas, apresenta ela — a *parole* — a de que é "a atividade do sujeito falante" e "a parte individual da linguagem".

Um dos aspectos particulares ressaltáveis, do pensamento de Coseriu, se encontra precisamente na crítica, ou melhor correção, que faz à identificação estabelecida pelo genebrino entre individual e concreto, social e formal, e à rígida separação do indivíduo e a sociedade, que o mesmo busca efetuar.

A *langue* (língua) cujo encontro e combinação com a *parole* (fala) se efetua pelo "ato verbal", é submetida a uma divisão em *norma* e *sistema,* que corrige a insuficiência da teoria saussüreana. Esta é, sem dúvida, uma das importantes contribuições à análise e interpretação do fenômeno lingüístico.

Norma e sistema são dois graus de abstração, que Coseriu, não obstante, distingue sempre em relação com o fator concreto, "a única realidade investigável da linguagem".

E assim encora a tripartição citada em todos os campos — o fônico, o morfológico, o da derivação e composição, o da sintaxe e até o do léxico. Em suma, o seu problema — consoante frisa no início da obra — é tratar de averiguar se pode chegar a uma tripartição teoricamente aclaradora e metodologicamente útil, partindo de uma concepção monista da linguagem e tendo a esta sempre presente.

Mais complexas são, por certo, no campo ideológico as produções que vêm depois de "Sistema, Norma y Habla", intituladas — "Forma y Sustancia en los Sonidos del Lenguaje" e "Sincronia, Diacronia e História". Com a última, em que é analisado "o problema da mudança lingüística", obteve o autor o prêmio de investigações originais da Faculdade de Humanidade e Ciências de Montevidéu.

Em síntese, nessa obra, Coseriu focaliza o problema da mudança como problema racional e não a própria mudança lingüística, estudada em suas causas, ou em seus tipos, em várias línguas.

No conjunto, é obra de intelectual de complexa envergadura e vastos alicerces culturais. E, à margem dos problemas centrais, surge uma riqueza de temas, que a agudeza do crítico ilumina dentro do rigor de sua análise lógica, como nos parágrafos sobre Saussüre e, principalmente, sobre Durkheim, e na sua apreciação acerca das relações entre a linguagem e a cultura.

Em "Forma y Sustancia", trabalho cuja apresentação global se nos afigura mais unitária e harmônica no sentido da estruturação do processo elaborativo, embora sem atingir o grau de aprofundamento temático do último livro, em "Forma y Sustancia" o autor revela o seu perfeito domínio das correntes estruturalistas, que estuda particularizando as doutrinas norte-americana e européia.

A nosso ver, um dos pontos altos dessa obra se encontra na análise que empreende o autor ao criticar as idéias de Hjelmslev, por incidir a mesma sobre projeções epistemológicas de capital sentido para a teoria da linguagem.

Acentuado o "platonismo" do dinamarquês, de que — segundo o seu modo de pensar — derivam vários apriorismos acerca da essência da língua, mostra, todavia, que não é no seu platonismo como tal que reside a íntima contradição dessa doutrina estrutualista, a qual se revela pela não coincidência entre o plano da teoria e o da aplicação (ou método). E assim considera: "A teoria se estrutura no plano "platônico" das formas puras, enquanto que o método correspondente deveria poder aplicar-se ao plano "aristotélico" das formas que se elaboram como conceitos sobre a base da experiência no mundo dos entes: a teoria se refere às essências, que deverão achar explicação no plano das existências, dos objetos que não são apenas "formas" senão "formas" e "substância" no sentido de matéria".

Como Já deixara antever no tocante ao geral lingüístico, em sua obra anterior, afirma agora que, também no que concerne aos estudos fônicos, se registram

os sintomas de saudável reação contra a redução da linguagem a fórmulas e dicotomias rígidas e, sobretudo, contra a idéia de que as mesmas representam efetivamente e esgotam a complexa realidade da linguagem.

Problemas outros chegam hoje a despertar mais vivo interesse, não só nos meios lingüísticos europeus, como norte-americanos, geralmente tão predispostos às análises objetivistas. Estudos como os sobre a relação entre língua e cultura, acerca da interdependência de sincronia e diacronia, estão a merecer considerações mais profundas, e em relação àqueles que, por excesso de esquematização e delimitações, se pode chegar a perder de vista o fato de que "o objeto da lingüística é a linguagem humana em sua totalidade, em sua realidade multiforme e infinitivamente variável e em suas múltiplas relações".

Defeito esse de que nunca se poderá incriminar o lingüista romeno, que acentua sempre encontrar-se na realidade do falar o ponto de partida de toda a investigação lingüística.

Nesta obra vislumbra-se a influência de certas idéais de Husserl, como especialmente aquela sobre "o conhecimento prévio", a ocorrência de uma experiência antepredicativa, pré-categorial, que, segundo Aron Gurvitsch, constitui uma pressuposição básica da lógica em geral.

A ciência da linguagem — na opinião de Coseriu — radica nesse conhecimento que o lingüista possui da língua como falante. Ao distinguir certa conduta como lingüística — aduz conseqüentemente — porque a reconhece de maneira imediata como conduta simbólica, baseia-se o indivíduo naquele saber prévio, numa experiência subjetiva que destrói o caráter puramente objetivista, de observação exterior, que preconiza o behaviorismo lingüístico.

Os problemas da reconciliação do objetivismo e do subjetivismo, do saber abstrato e da vida vida concreta, que o absorvem desde o seu primeiro trabalho de idéais sobre a linguagem, aparecem-lhe agora, vistos do ângulo da filosofia transcendental fenomenológica, como passíveis de solução.

Além destas produções, Coseriu publicou outros trabalhos menores como "Logicismo e Antilogicismo na Gramática" e "A Geografia Lingüística", menores em número de páginas, mas também sólidos e agudos, dentro das perspectivas intelectuais que lhes são próprias.

Inteligência aberta às autênticas emanações da vida cultural, Coseriu preocupa-se tanto com as idéias de Dewey em sua *"Lógica"* como as de Merleau-Ponty em sua *"Fenomenologia da Perpção"* ou as de Heidegger em seu famos *"O Ser e o Tempo"*.

Entretanto, a influência das raízes aristotélicas se acha no âmago do pensamento de Coseriu, cujo método parece orientar-se na direção daquele intelectualismo que, a despeito de sustentar a existência de juízos logicamente necessários e universalmente válidos, não só sobre os objetos ideais como sobre os reais, considera os elementos desses juízos como derivados da experiência, e não um patrimônio *a priori* da razão. E também, no campo mesmo da teoria, o pensamento do Estagirista se revela, como, por exemplo, na conceituação geral

da relação entre forma e substância, no plano da linguagem, em que se vislumbre a influência do "hilemorfismo" aristotélico.

De Coseriu ainda se pode aguardar uma depuração maior, não apenas, no desenvolvimento das idéias, mas na forma de apresentá-las no sentido das sínteses finais.

Pois, as suas preocupações intelectuais gravitam, tanto na órbita da ciência da linguagem, como alcançam aquela esfera que concerne à determinação do significado da linguagem na vida total do espírito humano, ou seja, como Refer Urban, ao problema da sua avaliação, da *linguistic validity*.

E a importância que atribui aos "problemas metalógicos da linguagem" revela a segurança e a amplitude da sua visão cognoscitiva, do seu conceber a relação da linguagem como o conhecimento.

Isso foi o que escrevemos em 1960 e veio publicado na *Revista de Portugal,* que se editava então na capital lusitana.

A essa época havia o grande estudioso trazido a lume apenas as obras. principais enfocadas naquela sucinta apreciação.

Posteriormente, tivemos o ensejo de conhecê-lo em pessoa, durante o Colóquio Internacional Luso-Brasileiro, que se efetuou em Salvador, quando aí permaneceu, nesses dias magníficos de atividade intelectual, vindo de Montevidéu, onde dirigia o Instituto de Lingüística da Universidade e operava intensamente com a colaboração de José Pedro Roma, Mercedes Rein, Arnaldo Gomensoro e outras figuras dignas de relevo no mundo da Lingüística e da Filosofia da Linguagem, na América do Sul.

Após o conclave internacional da Bahia veio a Fortelaza, onde proferiu duas conferências, sob o patrocínio da Universidade Federal do Ceará.

Só podemos revê-lo alguns anos depois, no curso do X Congresso Internacional de Lingüística e Filologia Românicas, sucedido em Estrasburgo, em ambiente do mais elevado padrão cultural. Foi-nos possível encontrá-lo aí entre lingüístas amigos como Mattoso Câmara, Zdenek Hampejs e outros.

Mais de dez anos haviam decorrido após o encontro inicial de nossas presenças físicas.

Suas notícias chegavam-nos, porém, constantemente, sob a forma de separatas de artigos escritos em vários idiomas, especialmente em alemão, pois, transferira de vez a sua cátedra para a Universidade germânica de Tubingem, embora estivesse, não raro, convidado a ministrar cursos em outros centros de estutos, como Estrasburgo, Heidelberg e alguns da própria Escandinávia.

Desde já certo tempo, que vínhamos observando a ausência do costumeiro envio de suas publicações, que tanto serviram para acrescer e atualizar o nosso patrimônio científico. É que, em 1981, falecera o professor romeno, e nenhuma notícia nos havia chegado acerca de tão lamentável ocorrência.

Pelo catálago da *Gredos* editora espanhola, vimos a saberda miscelania de estudos sobre Teoria e Filosofia da Linguagem, que lhe fora dedicada *post mortem* pelos seus inúmeros e mais próximos discípulos europeus.

Cumpre-nos, todavia, fazer referência especial a duas obras, surgidas em espanhol, graças à editora citada.

Referimo-nos a *Princípios de Semântica Estructural* e à *Tradicion y Novedad en Ciencia del Lenguaje,* ambas aparecidas no ano de 1977.

De acordo com H. Geckeler, em *Semântica Estructural y Teoria del Campo Léxico,* destacaram-se, sobretudo, três nomes, entre os que se têm "ocupado teoricamente, de maneira especialmente intensiva, de análise do conteúdo em traços distintivos". São eles: E. Conseriu, A. J. Greimas e B. Pottier. Desde 1962 que esses estudiosos vêm elaborando e formulando concepções acerca do tema, coincidindo suas opiniões em tópicos essenciais. Essa é uma corrente européia que encontra seu ponto de partida em L. Hjelmslev, o famoso estruturalista da Escola de Copenhague.

Contudo, não se poderá esquecer que, nos Estados Unidos, registra-se o aparecimento de uma "escola", constituída por antropólogos, etnólogos e etnolingüistas, que usam procedimentos análogos aos da análise do conteúdo, ocorrente na Europa. São citados como seus principais representantes: H. C. Conklin, W. A. Goodenough e F. C. Lounsbyry, cujos trabalhos foram valorizados por U. Weinreich, no tocante ao "conceito de comportamento semântico".

Observa-se, no entanto, que a forte personalidade de E. Coseriu, a singular inteligência desse genial lingüista, fá-lo sempre buscar rumos próprios, apoiado em dados teóricos e orientação metodológica pecualiares.

A semântica estrutural de E. Conseriu propõe métodos e técnicas de sua própria concepção intelectual, alicerçados com solidez teórica.

Trata-se — segundo já frisamos — de um autor que dispõe, efetivamente, de apurados instrumentos críticos e de segura orientação epistemológica.

Por isso, esforça-se sempre por gravar a marca do seu espírito criador e não aceita que o subordinem mesmo comparem, no campo científico em que atua, a outros espíritos, até os de pronunciada atuação moderna, como os de Chomsky e epígonos.

É assim que em *"Tradição e Novidade em Ciência da Linguagem"* tece os seguintes comentários: "As coincidências nos princípios e nas intenções não implicam, contudo, que eu esteja de acordo com a ciência transformacional. Ao contrário: considero a sua técnica não adequada, como uma forma de paralisação arbitrária da experiência lingüística concreta. Não adequado, como no caso de outros modelos abstratos e dogmatizados, significa, naturalmente, só parcialmente adequado. E mais adiante: "...minha oposição a Chomsky e ao chomskysmo é, precisamente, de caráter epistemológico e está fundada em uma epistemologia muito séria, da qual não tem ele, ao que parece, a menor notícia. Declaro expressamente que nunca ocorreu considerar-me precursor do transformacionalismo; entre outras cousas, porque se o fosse, isso não seria para mim título algum de glória, se não totalmente o contrário". As coincidências que assinalo no texto possuem outro sentido: devem-se ao antipositivismo, pelo menos formal, de Chomsky, em alguns princípios (ainda que não também na aplicação dos mesmos). Em conpensação, o fato de que esses princípios seguros

permanecem nos transformacionalistas sem desenvolvimento profícuo, não inserem em uma teoria coerente e não levam a nada de positivo (nem sequer à compreensão efetiva do que eles mesmos fazem), deve-se a que, no fundo, Chomsky e seus sequazes ficam, apesar de tudo, ancorados no positivismo: é o que sucede aos positivistas, quando, nas ciências humanas, querem zombar do idealismo".

Mas onde se exerce a aguda penetração crítica do autor de *Sistema, Norma y Habla,* é quando enfrenta a "badalada", se assim podemos dizer, *Semântica Gerativa,* de que Katz e Fodor são os representantes mais categorizados.

Em sua obra *Princípios de Semântica Estructural* não se detém na individualidade de Chomsky, que não cita uma só vez, mas em seus seguidores, cuja "semântica" critica vigorosamente, não vacilando mesmo em afirmar que, ao contrário de que apregoam lingüistas (e sobretudo não-lingüistas), tal semântica não é revolucionária, a não ser com respeito ao "bloomfieldismo" (só porque fala do significado), não constituindo revolução alguma em Semântica, desde que não concerne mesmo à estrutura do plano do significado. Para Coseriu, na semântica estrutural de Katz e Fodor trata-se, em realidade, não da estrutura do significado, mas na estrutura da interpretação, que se representa sob a forma de dependências, da mesma forma — como na técnica transformacional — se representa a estrutura sintática. "Não sendo senão a estrutura da interpretação — escreve ele — a estrutura estabelecida por essa semântica não corresponde à realidade das relações de significação como tais. Reconhecendo embora não ser errônea essa semântica, considera-se, porém, inteiramente inútil no que concerne à descrição das estruturas e das oposições semânticas, pois, em verdade, supõe essas estruturas como já conhecidas e as emprega na identificação. Demonstra, em seguida, como essa pretensa "Semântica estrutural" falha ao que enuncia ou se propõe, "não" passando, em rigor, de um aspecto da técnica lexicográfica, uma forma particular do enfoque semasiológico que, por partir do significante, não pode coincidir com a definição lexicográfica propriamente dita (dos significados)". E, com efeito, cremos não nos enganar afirmando que a sua conceituação teórica e os seus processos de investigação são os mais acertados, racionais e coerentes, ocupando-se, em verdade, da definição lexicográfica propriamente dita e da descrição das estruturas e oposições funcionais. O que vem a ser, obviamente, um legítimo estudo "das relações estruturais, paradigmáticas e sintigmáticas, dos significados léxicos em um sistema lingüístico".

Mas, voltando a Chomsky, julga Coseriu perniciosa a sua influência, em nossa época, comparando-a, em certo trecho da sua obra, a Schleicher, pois se Chomsky — afirma ele — tem os seus Katz e Fodor, Postal e Less, aquele, em seu tempo, teve os seguidores que se chamaram Max Müller, Hovelaque e Pezzi, necessitando a Lingüística de todo um século para libertar-se de várias teses arbitrárias de Schleicher.

Inteligência dúctil e penetrante, movimentada por uma cultura universalista, Eugênio Conseriu abordou com profundeza e centelhas de originalidade os

mais variados domínios da ciência lingüística, alcaçando, por vezes, a filosofia da linguagem.

Dentre os artigos e monografias que nos enviou, trabalhos esses que atingem quase meia-centena, destacam-se, pelo maior número, os produzidos na língua de Goethe. Mas escreveu também, corretamente, em espanhol, francês, italiano, inglês e até em catalão. O que nos surpreende é que, sendo de origem romena, não nos tenha proporcionado a leitura de qualquer produção no seu idioma pátrio.

São assombrosas, de certo, a fertilidade e a amplitude intelectuais dessa lúcida individualidade, que versou desde o problema dos universais lingüísticos, a semântica diacrônica estrutural, a tipologia, a glotocronologia, a ortografia catalã, a geografia lingüística, até assuntos de etimologia, como os que vêm divulgados na coletânea de homenagem ao prof. Harri Meier, de Bonn, em 1880. Em magistrais ensaios, ocupou-se de figuras marcantes nos círculos culturais, entre outras, as de Wilhelm von Humboldt, Georg von der Gabelentz, Juan Luis Vives e até do primeiro gramático de língua portuguesa — Fernão de Oliveira.

No ensejo, não nos pudemos deixar sem alguns comentários, produções de sua autoria, que mais de perto nos tocam, duas porque foram pronunciadas em reuniões ocorridas em nosso País, e a outra porque se ocupa de personalidade e temas brasileiros do nosso tempo, relacionados ao campo dos estudos lingüísticos ilbero-americanos, que é aí a sua tarefa central: intitula-se este opúsculo — *Current Frends in Linguistics* e foi publicado por Mouton, de Haya, em 1968, idioma inglês. Integra ele importante coleção de característica universal, editorada por grandes nomes do ambiente linguístico, na época atual.

Limitando-se à América Latina, E. Coseriu examina em certo trecho desta obra, com surpreendente senso crítico e visão sintética dos problemas, tudo quando de relevo científico se produziu em nossa pátria até o momento em que compôs o volume, reportando-se aos estudos precursores de Sousa da Silveira, Amadeu Amaral e Antenor Nascentes no plano da dialetologia, aos de caráter onamasiológico e de lexicografia propriamente dita, até os primeiros assomos do estruturalismo brasileiro, registrados especialmente com a obra de Mattoso Câmara. Revela conhecimento minucioso do que se publicou de sério, a propósito, em terras brasileiras, ressaltando os nomes de todos aqueles que efetivamente trouxeram uma parcela de contribuição ao desenvolvimento geral da Lingüística e da Filologia. E — para surpresa nossa — fomos encontrar, aí mencionados, quando se refere ao Ceará, os trabalhos do humilde autor destas letras e do professor Valmir Chagas, cuja *Didática Especial de Línguas Modernas* considera "notável trabalho que trata do ensino das línguas modernas". *"Sobre las amadas" construcciones con verbos de movimento: um problema historico e Sentido y Tareas de la Dialectologia* são os títulos das duas restantes produções de Coseriu, que acima destacamos. A primeira foi apresentada ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, efetuado em Salvador,

no ano de 1959, reunião a que tivemos a fortuna de comparecer. Constitu um estudo de ordem gramatical no domínio lingüístico castelhano, em que racionalmente se discute "o método, a limitação do campo de estudo e o sentido mesmo da investigação", anteriormente propostos, a respeito, pelo notável estudioso espanhol Amado Alonso.

Na publicação "Lingüística Españla Actual" divulgou, em 1981, o trabalho "Los conceptos de "dialecto" "nivel" y "estilo" de lengua "y el sentido proprio de la Dialectologia", que foi escrito para o "Primeiro Congresso Brasileiro de Dialetologia e Etnografia", celebrado em Porto Alegre, em 1958, e que só viria a editar passados muitos anos, em que esperara em vão pelo saimento das Actas do aludido congresso. Ainda recebemos essa separata, talvez a última que nos endereçou.

Em 1982, chega a nosso poder, remetida do México, pelo Centro de Lingüística Hispânica, sentido e Tareas de la Dialectologia, que nada mais é do que uma reedição, mais bem elaborada tipograficamente, do trabalho acima aludido.

Merecia essa contribuição uma análise detida e bem cuidada, tamanha é a sua importância para os estudiosos da lingüística nacional.

Nesse relevante ensaio, entre outras conceituações de apreciável efeito teórico e metodológico, nessa seara de investigações, distingue ele a sua já famosa tripartição, quanto aos "tipos fundamentais de diferenciação interna numa língua histórica": *a)* diferenças no espaço geográfico ou *diferenças diatópicas; b)* diferenças entre distintos estratos socioculturais da comunidade idiomática, ou *diferenças diastráticas;* e *c)* diferenças entre os tipos de modalidades expressivas segundo as circunstâncias constantes de falar (falante, ouvinte, situação ou ocasião do falar e assunto do que se fala) ou *diferenças diafáticas.*

Espírito independente, forrado de apreciável cultura humanística e bem orientado filosoficamente, é óbvio que não se deixaria subjugar pelas influências de cunho matemático, tão comuns em nossa época, no campo das ciência humanas. Extraordinária capacidade a dessa mente luminosa, que ao alcançar a celebridade, a projeção e o apreço universais, se exercitava sem descanso no magistério universitário, no preparo de conferências e comunicações para as conclaves de que participava assiduamente, não como simples observador, mas dissentindo, debatendo as questões apresentadas, durante a realização dos mesmos.

Viveu difundindo idéias, essa figura de mestre que, de longe mesmo, trazia sábias lições a uma corte de discípulos e admiradores, dispersos por todo o orbe cultural.

Entretanto, antes de alcançar a verdadeira notoriedade, quando ainda residia no Uruguai, conheceu horas de pura mediania, instantes de ansiosa expectativa pela consagração geral, apesar de já haver publicado obras de grande valor pelo seu timbre profundo e original. É o que se deduz através das seguintes linhas, em missiva datada de 10 de julho de 1958, que nos remeteu de Montevidéu, agradecendo a ligeira apreciação que fizéramos, em suplemento literário, de Fortaleza, acerca de um de seus livros; *Muchas gracias por su hermosa reseña de SNH.*

Vôo que es usted un hombre que no solo lee efectivamente y con atención las publicaciones que se le envian-lo que ya os mucho por estas latitudes — sino que también las valora com cariño, com compreensión y con tino".

Àquela época — pelo que daí se conclui — ainda necessitava o insigno lingüística da cooperação compreensiva de humilde estudioso destas áreas, para fazer ressaltar o seu talento.

Ademais, nem sempre gozou ele da aceitação unânime dos grupos lingüísticos, especialmente na Europa, onde viveu em luta com alguns insistentes opositores às suas orientações teóricas e metodológicas. Espírito combativo, estava ele, no entanto, sempre disposto a revidar aos seus adversários, defendendo brilhantemente os seus princípios e concepções.

No tocante à biografia de Eugênio Coseriu, até o presente, são bem poucos os dados seguros que possuímos.

Nascido na Romênia, viajou bastante no exercício de seus encargos intelectuais, tendo estado em Salvador no Colóquio Luso-Brasileiro e, depois do término deste, vindo ao Ceará, onde permaneceu alguns dias e pronunciou duas conferências uma sobre "Linguagem e Cultura", atendendo a sugestão nossa, no ex-Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Ceará; e a outra, na ex-Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, sobre "Teoria da Linguagem".

Sabemos que, não há muitos anos, veio a João Pessoa, convidado pela Universidade dessa capital, a fim de proferir uma conferência sobre Sociolingüística.

Lastimamos não nos haver transportado à vizinha cidade, com o objetivo de ouvir, a propósito de matéria da nossa predileção, os ensinamentos de alguém que já se achava então com os dias contados.

Extingue-se com sessenta anos de idade, em 1881, essa potente chama do saber, talvez por haver ardido com excessiva intensidade.